

VARIANTES LEXICAIS NA ÁREA SEMÂNTICA *JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS*, EM CAPITAIS DO NORDESTE BRASILEIRO: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ALIB

LEXICAL VARIANTS IN THE SEMANTIC AREA CHILDREN'S GAMES AND ENTERTAINMENT, IN NORTHEASTERN BRAZILIAN CAPITAL: AN ANALYSIS BASED ON ALIB PROJECT DATA

Maria Silvana Militão de Alencar

UFC - msmilitao@gmail.com

Resumo. O presente artigo objetiva fazer um levantamento de variantes lexicais entre os falantes das capitais do nordeste brasileiro (diatópicas) e socioculturais (diastráticas), na área semântica *Jogos e Diversões Infantis*, enfocando o item lexical *bolinha de gude*. Justifica-se por demonstrar a importância de que se revestem as pesquisas geolinguísticas para o registro da norma lexical de um espaço geográfico e por deixar transparecer dados relacionados aos costumes e às crenças acumuladas no decorrer da história de um grupo social. Busca contribuições teórico-metodológicas na dialetologia (ARAGÃO, 2008; CARDOSO, 2010) e na geolinguística (AGUILERA, 2005; CARDOSO; MOTA, 2012; ISQUERDO, 2001). O *corpus* se constitui das respostas à questão de número 156, pertencente ao questionário semântico-lexical (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), dadas pelos informantes das nove capitais em estudo: Fortaleza (041), João Pessoa (061), Maceió (077), Aracaju (079), São Luís (026), Natal (53), Recife (070), Teresina (034) e Salvador (093). São oito inquéritos em cada capital, perfazendo o total de setenta e duas entrevistas que apresentam as características metodológicas do ALiB, tais como: homens e mulheres pertencentes a duas faixas etárias (18 a 30 anos e 45 a 65 anos), grau de escolaridade (ensino fundamental e ensino superior), além de ter nascido e vivido a maior parte na região. Para visualizar a distribuição das variantes lexicais e nomear o brinquedo em foco, no espaço estudado, foi elaborada uma proposta de carta linguística. Dessa maneira, o estudo contribui para a descrição de um recorte do léxico utilizado pelos falantes dessas capitais, demonstrando se as variantes documentadas representam ou não variantes lexicais locais.

Palavras-chave: dialetologia; geolinguística; *Jogos e Diversões Infantis*.

Abstract. This article aims to survey lexical variants between speakers of the capitals of northeastern Brazil (diatopics) and sociocultural (diastratic) in the semantic area of Children's Games and Entertainment, focusing on the lexical item marbles. It is justified because it demonstrates the importance of geolinguistic research to record the lexical norm of a geographic space and because it reveals data related to customs and beliefs accumulated throughout the history of a social group. It seeks theoretical-methodological contributions in dialectology (ARAGÃO, 2008; CARDOSO, 2010) and in geolinguistics (AGUILERA, 2005; CARDOSO; MOTA, 2012; ISQUERDO, 2001). The corpus consists of the answers to question number 156, belonging to the semantic-lexical questionnaire (QSL) of the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) project, given by informants from the nine

capitals under study: Fortaleza (041), João Pessoa (061), Maceió (077), Aracaju (079), São Luís (026), Natal (53), Recife (070), Teresina (034) and Salvador (093). There are eight surveys in each capital, making a total of seventy-two interviews that present the methodological characteristics of the ALiB, such as: men and women belonging to two age groups (18 to 30 years and 45 to 65 years), level of education (elementary education and higher education), in addition to having been born and lived for the most part in the region. In order to visualize the distribution of lexical variants and name the toy in focus, in the studied space, a proposal for a linguistic letter was elaborated. In this way, the study contributes to the description of an excerpt of the lexicon used by speakers of these capitals, demonstrating whether the documented variants represent local lexical variants or not.

Keywords: dialectology; geolinguistics; Children's Games and Fun.

1. Considerações iniciais

O presente trabalho objetiva fazer um levantamento de variantes lexicais entre os falantes das capitais do nordeste brasileiro (diatópicas) e socioculturais (diastráticas) – gênero, faixa etária e grau de escolaridade – na área semântica *Jogos e Diversões Infantis*, enfocando o item lexical *bolinha de gude*.

Justifica-se por demonstrar a importância de que se revestem as pesquisas geolinguísticas para o registro da norma lexical de um espaço geográfico, no caso, o das capitais nordestinas, e por deixar transparecer dados relacionados aos costumes, à visão de mundo, às crenças, às ideologias acumuladas no decorrer da história de um determinado grupo social. Busca contribuições teórico-metodológicas na dialetologia e na geolinguística para o estudo das variantes mencionadas para brincadeira infantil aqui focalizada.

O *corpus* se constitui das respostas à questão de número 156 (*Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*), pertencente ao questionário semântico-lexical (QSL) – Questionários 2001, do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), dadas pelos informantes das nove capitais em estudo: Fortaleza (041), João Pessoa (061), Maceió (077), Aracaju (079), São Luís (026), Natal (053), Recife (070), Teresina (034) e Salvador (093).

2. Bolinha de gude: a origem do brinquedo

O jogo infantil com bolinha de gude é muito antigo. Já percorreu séculos até chegar aos dias atuais. Há indícios do seu surgimento no ano 3.000 a.C., quando foram detectadas bolinhas de gude em túmulos egípcios. No Império Romano, há registros da brincadeira com nozes, que se tornaram símbolo da infância. Esse brinquedo inspira produções no âmbito de diversas áreas, tendo aparecido na pintura, por exemplo, no quadro “Jogos infantis”, do pintor belga Pieter Bruegel (séc. XVI), em composições musicais, na poesia, dentre outras. As primeiras bolas de gude não eram de vidro. Há registros de brincadeiras com nozes, castanhas, azeitonas, enfim, sementes com formas arredondadas eram usadas na brincadeira. Diversos materiais já foram utilizados para confeccionar as bolas, desde madeira, pedra, mármore (daí o nome inglês do brinquedo – *marbles*), cerâmica, argila, e até ossos de animais, mas o mais usado, atualmente, é

o vidro. No Brasil, esse brinquedo chegou como bolas de vidro, por intermédio dos portugueses no período da colonização (SANTOS, [2021]).

Segundo Ferreira (1986), no Brasil, o brinquedo recebe o nome, também, de baleba, bilosca, birosca, bolita, búraca, búrica, cabiçulinha, firo, peteca, piroasca, ximbra e (lus.), berlinde e bute.

3. Pressupostos teóricos

A língua, nos termos de Câmara Jr. (1977, p. 7), “[...] é a questão da invariabilidade profunda em meio de variabilidades superficiais”. E, segundo Jakobson (1967, p. 185), “[...] é o princípio das invariantes nas variações”. Partindo dessas considerações, buscamos contribuições teórico-metodológicas no ramo da linguística que se preocupa com o estudo das diferenças dialetais ou regionais de uma língua – a dialetologia. As diferenças dialetais marcadas geograficamente são estudadas pela dialetologia e pela geografia linguística, método da dialetologia que se refere “[...] à representação de dialetos, em mapas, que constituem os atlas linguísticos” (RECTOR, 1975, p. 24).

Segundo Aragão (2001, p.11), para trabalharmos com a dialetologia, procuraremos mostrar que “... a pesquisa dialetal atual não é uma mera Geolinguística, como se considerava até alguns anos atrás, com o estudo voltado, apenas, para a veriação regional distópica (horizontal)”. Os estudos dialetais buscam experimentar novos métodos, novos meios técnicos. Dessa forma, sem deixar de lado o parâmetro diatópico (regional, espacial), abrem espaço para a inclusão de outros parâmetros, tais como: o diastrático (estudo das classes sociais), o diagenérico (estudo das ocorrências no sexo masculino e feminino) e o diageracional (que reproduz a convivência das gerações). As tendências atuais conduzem a evolução da dialetologia tradicional, essencialmente diatópica, para uma dialetologia pluridimensional que incorpora a verticalidade.

Inúmeras são as contribuições dessa nova dimensão, nos estudos dialetais, especialmente, nos que se desenvolvem sob a metodologia geolinguística. O ALiB, por exemplo, trabalha conjuntamente os três parâmetros: o diagenérico, o diageracional e o grau de escolaridade. Como vimos, a dialetologia e a geolinguística vêm se transformando e ampliando o seu escopo *pari passu* com as transformações que ocorrem não só na linguagem, mas na sociedade como um todo.

No desenvolvimento dos estudos dialetais do Brasil, podem ser observadas diferentes fases que podem ser classificadas segundo a predominância de produção de cada época. A primeira proposta de ordenação dos estudos dialetais em nosso país é de autoria de Nascentes (1952) que estabelece duas grandes fases: a primeira, de 1826, com a publicação do estudo feito por Visconde de Pedra Branca e que se estende até 1920, ano da publicação do livro *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral; a segunda, de 1920 a 1952.

Iniciada a história dos estudos dialetais em nosso país, Ferreira e Cardoso (1994, p. 37-62) atribuem três fases, reformulando a proposta de Nascentes. A segunda fase inicia-se, então, com a publicação de *O dialeto caipira* (1920) e se estende até 1952. Momento em que se dão os primeiros passos para o desenvolvimento da geolinguística. A terceira fase é marcada pelo começo dos estudos sistemáticos no campo de geografia linguística. E, por ocasião do IV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, Mota e Cardoso (2005) propuseram a quarta fase com o início do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. (CARDOSO, 2010, p.142).

No campo da dialetologia e da geolinguística, o nordeste brasileiro merece destaque, pois, de nove atlas publicados, sete são nordestinos: Bahia, Paraíba, Sergipe, Sergipe II, Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco e, dentre os atlas em elaboração, dois são do Nordeste: Piauí e Maranhão.

Não resta dúvida que, no Brasil, houve um grande impulso nas pesquisas, principalmente, no âmbito da Universidade, com o surgimento de novos cursos de pós-graduação. Mas, dado o gigantesco acervo cultural de que o povo brasileiro é possuidor, temos que admitir que tais estudos, ainda, não satisfazem totalmente.

4. Análise de dados

O QSL do ALiB é composto por 202 perguntas que recobrem 14 áreas semânticas, dentre elas a área em estudo: *Jogos e Diversões Infantis*, composta por 13 itens: 155. Cambalhota; 156. Bolinha de gude; 157. Estilingue / Bodoque; 158. Papagaio de papel / Pipa; 159. Pipa / Arraia; 160. Esconde-esconde; 161. Cabra-cega; 162. Pega-pega; 163. Ferrolho / Salva / Picula / Pique; 164. Chicote-queimado / Lenço atrás; 165. Gangorra; 166. Balanço; 167. Amarelinha.

Foram levadas em consideração as formas lexicais oriundas da pergunta 156 do QSL (... *as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*), sobre *bolinha de gude*, e os fatos relacionados à variação diatópica (regional), à variação diageracional (faixa etária), à variação diagenérica (homem/mulher) e à variação diastrática (grau de escolaridade). Ao todo são 72 inquéritos que apresentam características metodológicas do ALiB: 8 informantes por localidade, distribuídos equitativamente nas duas faixas etárias (I – de 18 a 30 anos e II – de 50 a 65 anos), no gênero (4 homens; 4 mulheres) e no grau de escolaridade – 4 com ensino fundamental (1 homem e 1 mulher da faixa etária I; 1 homem e 1 mulher da faixa etária II) e 4 ensino superior (1 homem e 1 mulher da faixa etária I; 1 homem e 1 mulher da faixa etária II).

Para a análise dos dados, realizou-se pesquisa prévia em dois dicionários gerais da língua portuguesa (HOUAISS, 2002; FERREIRA, 1986), em um dicionário específico, *Novo dicionário de termos e expressões populares* (CABRAL, 1982), e no *Vocabulário popular cearense* (GIRÃO, 2000).

Dessa maneira, procurou-se analisar as variantes documentadas do ponto de vista semântico-lexical, a questão da dicionarização das designações e a presença e/ou ausência de formas conservadoras e inovadoras no recorte lexical analisado. No caso de o informante não saber a resposta, preencheu-se o quadro com NR (Não Respondeu). Alguns exemplos de trechos de inquéritos linguísticos foram incluídos quando necessário.

5. Capitais do Nordeste pesquisadas

Ao serem inquiridos sobre: “... *as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*”, documentou-se a seguinte distribuição diatópica das lexias que recobrem este conceito.

Tabela 1: Variantes diatópicas (Fortaleza – 041)

Variantes	Informantes							
	041/1	041/2	041/3	041/4	041/5	041/6	041/7	041/8
Bila	1 ^a	1 ^a	2 ^a	2 ^a	1 ^a	1 ^a	1 ^a	1 ^a
Bola de gude	2 ^a		1 ^a		2 ^a			
Bolinha de gude (bolã)		2 ^a				2 ^a		
Cabiçulina			3 ^a					
Capiçulã				1 ^a				
Cabeçulã							2 ^a	
Cabeçulinha								2 ^a

A resposta mais comum para esse brinquedo, na capital cearense, é **bila**, que aparece em 8 informantes, sendo em 6 como primeira resposta, e em 2, como segunda. Em seguida, vem **bola de gude**, em 3 informantes, 1 vez como primeira resposta e 2 vezes, como segunda opção. Em terceiro lugar vem **cabeçulinha**, apresentando como variações fônicas: cabeçulã, cabiçulina e capiçulã. Como o aspecto fonético não se constitui objeto deste estudo, as variações fônicas são descartadas. As demais formas que não apresentam variações fônicas aparecem como outras denominações.

Tabela 2: Variantes diatópicas (João Pessoa – 061)

Variantes	Informantes							
	061/1	061/2	061/3	061/4	061/5	061/6	061/7	061/8
Bola de fone	1 ^a		1 ^a		2 ^a			
Bola de gude	2 ^a	1 ^a		1 ^a	1 ^a	1 ^a		1 ^a
Bolinha de gude							1 ^a	
Tapa buraco				2 ^a				
Bila							2 ^a	

Os informantes 01/61 e 05/61 admitem duas realizações para o brinquedo em estudo: **bola de gude** e **bola de fone**, conforme inquéritos abaixo:

Inf. 01/61

INQ. – E aquelas coisinhas redondinhas de vidro que as crianças brincam assim?
INF.- Bola de fone. Tem bola de fone, tem bola de gude, **só esses dois**.

Inf. 05/61

INQ. – Essas... essas coisinhas redondas de vidro, que os meninos gostam de brincar?
INF. – Eh... tem dois nomes: chama bola de gude **ou** bola de fone.

Tabela 3: Variantes diatópicas (Maceió – 077)

Variantes	Informantes							
	077/1	077/2	077/3	077/4	077/5	077/6	077/7	077/8
Ximbre	1 ^a					(NR)		
Ximbra		1 ^a	1 ^a	1 ^a	1 ^a		1 ^a	1 ^a
Bola de gude		2 ^a			2 ^a		2 ^a	2 ^a
Bolinha de gude	2 ^a			2 ^a	3 ^a			
Bolazinha de gude			2 ^a					
Peteca		3 ^a						

A resposta mais comum para esse brinquedo, em Maceió, é **ximbra**, que aparece em 7 informantes como primeira resposta. Essa variante não aparece em nenhuma outra capital da região estudada. Os informantes 03/77 e 05/77 admitem as variantes **bola de gude** e **bolinha de gude**, mas o que é normal na localidade é **ximbra**, conforme respostas abaixo:

Inf. 03/77

INF. – Aquilo é **ximbra**.

INQ. – Tem outro modo de chamar?

INF. – **Bolazinha de gude** também.

INQ. – Chama assim também?

INF. – **ximbra**. Normalmente é **ximbra**.

Inf. 05/77

INF. – **ximbra... ximbra... ou bola de gude... ximbra**. A gente chama de **ximbra, bolinha de gude, né?**

Tabela 4: Variantes diatópicas (Aracaju – 079)

Variantes	Informantes							
	079/1	079/2	079/3	079/4	079/5	079/6	079/7	079/8
Bola de gude	1 ^a	2 ^a		1 ^a	1 ^a	2 ^a	1 ^a	1 ^a
Gude						1 ^a		
Marlete	2 ^a							
Marraia		1 ^a	1 ^a					
Marraio							2 ^a	
Brincar de gude			2 ^a					
Bola de marraida			3 ^a					
Bola de Barraia					2 ^a			
Bola de Barraite								2 ^a

Em Aracaju, a resposta mais comum para esse brinquedo é **bola de gude**, que aparece em 7 informantes, sendo em 5 como primeira resposta e em 2, como segunda. A resposta **marraio**, com suas variantes Barraia, Marlete, Bola da Barraia, Bola de Barraida, Bola de Barraite, aparece, também, em 7 informantes, sendo em 2 como primeira resposta, em 4 como segunda, e em 1 como terceira opção. Observa-se que se trata de uma marca local, não

aparecendo em nenhuma outra capital nordestina. Na fala dos informantes, tanto faz o uso de **bola de gude** como o de **marraio**, conforme textos abaixo:

Inf. 02/79

INF. – **Marraia**, ou, então, **bola de gude**.

INQ. – É o mesmo?

INF. – É o mesmo.

Inf. 03/79

INF. – **Marraia**

INQ. – Chama de outro jeito?

INF. – Não. Brincar de grude, bola de marraida, brincar de grude.

INQ. – É o mesmo?

INF. – É.

Inf. 08

INF. – Bola de gude

INQ. – É? E aqui tem outro nome?

INF. – Bo...Bola da marraite, **parece que é marraite**. Bola de marraite.

Tabela 5: Variantes diatópicas (São Luís – 026)

Variantes	Informantes							
	026/1	026/2	026/3	026/4	026/5	026/6	026/7	026/8
Peteca	1 ^a		2 ^a					
Bola de gude	2 ^a	2 ^a			2 ^a			
Bolinha de gude						2 ^a	1 ^a	1 ^a
Bolinhas	3 ^a		2 ^a	2 ^a				

Em São Luís, a resposta mais comum é **peteca**, aparecendo em 7 informantes, sendo em 6, como primeira resposta e em 1, como segunda. O informante 07/26 acrescenta, também, uma informação diacrônica para bolinha de gude, quando ao tempo de uso, diz que **está em desuso**. Para os informante 03/26, 05/26 e 08/26 **tanto faz bolinha, bola de gude** como **peteca**.

Inf. 03 – Peteca, peteca, bolinha.

INQ. – Peteca é a mesma coisa que bolinha, né?

INF. – É a mesma coisa.

Inf. 05

INF.– **Peteca**, eh... **bola de gude**.

INQ.– Que mais? Conhece outro nome?

INF.– Não. Peteca e bola de gude.

Inf. 07

INF. – **Bolinha de gude**, bolinha de gude, também **tá em desuso**, quase... (rindo).

Inf. 08

INF.– Ah! **Bolinha de gude... Bolinha de gude... ou peteca**.

Tabela 6: Variantes diatópicas (Natal – 053)

Variantes	Informantes							
	053/1	053/2	053/3	053/4	053/5	053/6	053/7	053/8
Biloca	1 ^a	(NR)		(NR)	2 ^a	1 ^a		2 ^a
Bola de gude			1 ^a		1 ^a		1 ^a	1 ^a
Bola de vidro			2 ^a					

Tabela 7: Variantes diatópicas (Recife – 070)

Variantes	Informantes							
	070/1	070/2	070/3	070/4	070/5	070/6	070/7	070/8
Bola de gude	1 ^a	1 ^a	1 ^a	1 ^a		1 ^a	1 ^a	1 ^a
Bolinha de gude					1 ^a			

Tabela 8: Variantes diatópicas (Teresina – 034)

Variantes	Informantes							
	034/1	034/2	034/3	034/4	034/5	034/6	034/7	034/8
Peteca	1 ^a	1 ^a	1 ^a	1 ^a	2 ^a	1 ^a	1 ^a	1 ^a
Bola de gude				2 ^a			2 ^a	2 ^a
Bolinha de gude		2 ^a			1 ^a	2 ^a		

Inf. 07

INF. – Peteca, bola de gude não se chama **aqui**, é peteca mesmo. Apesar de saber que peteca é aquela que se bate, nós conhecemos **aqui** a vida toda como peteca, viu?

Inf. 05

INF. – (inint.) bolinha, bolinha de gude

INF. – Peteca

INQ. – Conhece por outro nome?

INF. – Bolinha, bolinha de gude

Inf. 08

INF. – Peteca

INQ. - **Aqui** peteca, né? E além de peteca, você conhece outro nome?

INF. - Só peteca.

INQ. - Só peteca, né?

INF. - **Bola de gude, mas o nosso mesmo é peteca**

Tabela 9: Variantes diatópicas (Salvador – 093)

Variantes	Informantes							
	093/1	093/2	093/3	093/4	093/5	093/6	093/7	093/8
Gude	1 ^a	1 ^a			1 ^a	1 ^a		1 ^a
Bola de gude			1 ^a	1 ^a				
Bolinha de gude							1 ^a	2 ^a

Analisando as respostas obtidas nas capitais da região Nordeste do Brasil, para designar a brincadeira focalizada, observou-se uma grande variação de formas para a pergunta 156 do QSL, as quais serão organizadas levando-se em consideração somente a variação lexical. Foram identificadas 25 formas variáveis, que serão aglutinadas na forma dicionarizada e de maior frequência. De forma resumida, apresentam-se, no quadro abaixo, 12 variantes:

Quadro 1: Variação lexical de *bolinha de gude* e suas variantes

Variantes lexicais	Variantes diatópicas
Bola de gude	Bola de grude
Bolinha de gude	Bolazinha de gude
Peteca	
Ximbra	Ximbre
Bila	
Biloca	
Gude	Bola de vidro (material) / Bola de fone
Bolinhas	(referência ao formato)
Marraio	Marraia / Marlete / Bola de Marraia / Bola de Marraida / Bola de Marraite
Cabeçulinha	Cabeçulã (pronúncia)
Cabiçulinha	Cabiçulina / Capiçulã
Tapa buraco	(dicionarizada com sentido diferente)

Em Houaiss (2002, p. 500), **bolinha de gude**, pergunta de número 156 do QSL, está dicionarizada como **gude** – s. m. – Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil, apresentando os três contextos de realização:

1 jogo infantil com bolinhas de vidro que, num percurso de ida e volta, devem entrar em três buracos dispostos em linha reta, saindo vencedora a criança que chegar primeiro ao buraco inicial.

2 Derivação: por metonímia.

bolinha us. nesse jogo

3 Derivação: por analogia (*da acp. 1*).

qualquer outro jogo infantil com **bolinhas de vidro**.

O referido autor registra, ainda, as seguintes variantes com equivalência de sentido:

Biloca – substantivo feminino. Rubrica: ludologia. Regionalismo: Goiás.

1 **gude** jogado ger. com cinco buracos

2 cada um desses buracos

Cabeçulinha – substantivo feminino. Rubrica: ludologia. Regionalismo: Ceará.

Estatística: pouco usado.

m.q. *cabecinha* ('bola de gude; jogo de gude')

Peteca – substantivo feminino

1 Rubrica: angiospermas.

m.q. **chá-de-soldado** (Hedyosmum brasiliense)

2 Rubrica: ludologia.

brinquedo que consiste em uma pequena base arredondada e macia, sobre a qual se encaixa ger. um punhado de penas, e que é lançado para o ar por meio de golpes desfechados com a mão

3 Rubrica: ludologia. Regionalismo: Pará.

m.q. *gude*

4 m.q. atiradeira

Ximbra – substantivo feminino

Rubrica: ludologia. Regionalismo: Alagoas.

m.q. *gude*. (HOUAISS, 2002, p. 1968).

A variante *marraio*, apesar de aparecer como resposta à pergunta de número 156 do QSL, na verdade trata-se de uma função desempenhada por um dos participantes no jogo, conforme sentido dicionarizado em Houaiss (2002) e Ferreira (2004):

Marraio – substantivo masculino

Rubrica: ludologia.

1 no gude e noutros jogos, palavra que dá, a quem primeiro a grita, o direito de ser o último a jogar.

2 Derivação: por extensão de sentido.

o parceiro que nesses jogos é o último a jogar. (HOUAISS, 2002, p.1250).

Marraio – substantivo masculino. Bras.

1. Palavra que, em certos jogos (como o jogo de gude), dá ao primeiro parceiro que a grita o direito de ser o último a jogar.

2. P. ext. O parceiro que primeiro gritou essa palavra: *Quem é o marraio?* (FEREIRA, 2004, p. 1096).

Bolinha de gude, em Ferreira (1986, p. 876), está dicionarizada como

gude [De *gode* (prov. minhoto), ‘pedrinha redonda e lisa’.] Substantivo masculino. Bras. 1. Jogo infantil em que se procura fazer entrar em três buracos bolinhas de vidro, ou os carocinhos pretos do fruto do saboeiro, ganhando o jogador que chega primeiramente de volta ao primeiro buraco: “Raul brincava sossegado com as bolas de gude” (Lia Correia Dutra, *Navio sem Porto*, p. 171). 2. Bolinhas de vidro, etc., usadas nesse jogo. [Sin. ger.: *baleba, bilosca, BIOSCA, bolita, búraca, búrica, cabiçulinha, firo, peteca, piroasca, ximbra* e (lus.) *berlinde e bute*.].

O autor registra, ainda, as seguintes variantes com equivalência de sentido:

Bila – Substantivo feminino. 1. Bras. CE V. *gude*.

Biloca – Substantivo feminino.

1. Bras. GO – Jogo em que os contendores, usando o polegar e o indicador, procuram, como num piparote, atirar botões num pequeno buraco.

Cabiçulinha – Substantivo feminino. Bras. CE

1. Gude (1):

“ O menino traçou com o graveto a linha na terra. Depois, a três passos de distância, ajudado por uma pedra, cavou um buraco raso..... Repetiu a operação mais duas vezes, guardando entre as covas o mesmo espaço. Estava pronta a cancha para a cabiçulinha.” (Alberto da Costa e Silva, *Espelho do Príncipe*, p. 57).

2. Gude (2):

“Os guris mantinham os bolsos das calças ou do macacão pesados de cabiçulinhas.” (Id., *ib.*, p. 58.).

Peteca – [Do tupi = ‘bater’]. Substantivo feminino. Bras.

1. Espécie de pequena bola achatada e leve, feita de couro ou de outro material, e guarnecida de penas longas reunidas em molho, e que se lança ao ar com a palma das mãos. [No N.E., fazem-na com a palha e o cabelo do milho, e chamam-lhe *bola de milho*. Cf. *volante* (8).]

2. P. ext. Objeto semelhante, feito de plástico, borracha, cortiça, etc., que se joga com raquete.

3. Fig. Jogo de escárnio.

4. N.E. V. *atiradeira*.

5. PA V. **gude**.

Ximbra

Substantivo feminino.

1. Bras. AL V. **gude**. (FERREIRA, 1986, p. 876).

Em Cabral (1982, p. 148), bolinha de gude, pergunta de número 156 do QSL, está dicionarizada como: “**Cabeçulinha** (ou **Cabiçulinha**) – 1) – Pequena **bola de vidro, bola de gude, bila**. 2) – O jogo com essas **bolinhas**”. “**Bila** – sf. – Bola de gude. Pequena bola de vidro. **CABEÇULINHA**” (CABRAL, 1982, p. 115).

Em Girão (2000, p. 113), bolinha de gude, pergunta de número 156 do QSL, está dicionarizada como: “**Cabeçulinha** ou **cabecinha** – sf. Jogo infantil, com pequenas bolas de vidro ou de pedra. Bola de gude”.

O termo **peteca** está dicionarizado em Cabral (1982) e em Girão (2000) com sentido diferente. Trata-se, na realidade, de um outro jogo.

Peteca – sf. – Bola, de forma achatada, feita de couro e com penas de ave espetadas no meio. (É também inteiramente feita com a palha de milho e enchimento com seus cabelos e, neste caso, é também denominada bola de milho). Do tupi **peteg** – dar golpe. (CABRAL, 1982, p. 602).

Peteca – sf. – Bola de palha-de-milho, com que brincam meninos e rapazes, sustentando-a no ar, jogando-a uns para os outros, em roda, com a palma da mão. Hodiernamente, industrializada em diversos tipos e materiais. (GIRÃO, 2000, p. 296).

A variante *tapa-buraco*, também, está dicionarizada com sentido diferente. “**Tapa-buraco** – [De *tapar* + *buraco*] – Substantivo de dois gêneros e de dois números. 1. Pessoa que substitui outra numa emergência” (FERREIRA, 1986, p.1648).

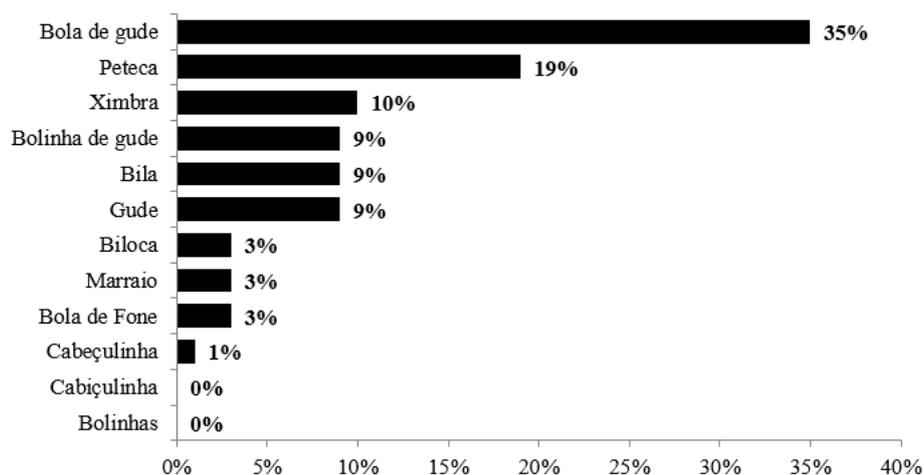
Como resposta não dicionarizada, aparece **bola de fone**.

Com a finalidade de demonstrar a distribuição diatópica das variantes lexicais para nomear a brincadeira em foco, no espaço estudado, foi elaborada uma proposta de carta linguística, com base no quadro de todas as respostas, que será apresentada a seguir:

Figura 1: Carta linguística das variantes de *bolinha de gude* nas capitais da Região Nordeste



Figura 2: Formas variantes de *bolinha de gude* – primeiras respostas



Aguilera (1998, p. 101) destaca a importância da Geolinguística, pois através da distribuição diatópica dos registros “... as cartas buscam demonstrar a variedade na diversidade, isto é, as variantes lexicais influenciadas pelas variáveis sexo, idade, local de nascimento e grau de escolaridade, entre outros, que caracterizam a fala comum”.

Tabela 10: Variantes de *bolinha de gude* por faixa etária, grau de escolaridade e gênero

Variantes	Faixa Etária		Grau de Escolaridade		Gênero	
	I	II	Ensino Fundamental	Ensino Superior	Masculino	Feminino
Bola de gude	X	X	X	X	X	X
Bolinha de gude	X	X	X	X	X	X
Bolinhas	X	-	X	-	X	X
Gude	X	X	X	X	X	X
Biloca	X	X	X	X	X	X
Cabeçulinha	X	X	-	X	X	X
Marraio	X	X	X	X	X	X
Peteca	X	X	X	X	X	X
Ximbra	X	X	X	X	X	X
Bila	X	X	X	X	X	X
Bola de fone	X	X	X	X	X	-

6. Considerações finais

A análise de dados dos inquiridos das capitais nordestinas brasileiras no ALiB acerca da questão 156 do QSL nos possibilitou a realização do levantamento e a descrição da diversidade do português falado nessa região, segundo os princípios da Dialectologia pluridimensional.

À guisa de conclusão, o trabalho procurou mostrar como as lexias trazem na fala dos informantes, as marcas do contexto em que estão inseridas.

A lexia *bola de gude* foi usada em 100% das capitais do nordeste brasileiro. São variantes locais: Biloca em Natal, Marraio em Aracaju, Ximbra em Maceió, Bila em Fortaleza, Peteca em São Luís e em Teresina, Bola de fone em João Pessoa; Bola de gude em Recife e Gude em Salvador.

Com relação às variáveis: faixa etária, grau de escolaridade e gênero, há um equilíbrio na utilização das variantes locais, merecendo comentários as variantes “bolinhas” e “bola de fone”. A primeira foi usada por falantes da faixa etária I, entre falantes com Ensino Fundamental, independente de gênero (homem/mulher). A segunda foi usada por falantes do sexo masculino, independente de faixa etária e de grau de escolaridade.

Enfim, a realização deste trabalho destacou a importância de que se revestem as pesquisas geolinguísticas para o registro de variantes de um espaço geográfico, no caso, o das capitais da região Nordeste do Brasil. No dizer de Isquierdo (2001, p. 91), “O estudo do léxico de uma região mostra dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo do grupo estudado”.

7. Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas linguístico do Paraná: veredas. In: _____ (org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos a percorrer**. Londrina: UEL, 1998.

ALENCAR, Maria Silvana Militão de. Panorâmica dos estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 30, n. 1/4, p. 26-34, 2011.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Estudos dialetais e sociolinguísticos do Brasil. **Littera**, São Luís, v. 1, n. 3, p. 007-025, 2001.

CABRAL, Tomé. **Novo dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza: UFC, 1982.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 855-870, 2012.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rev. e Amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A., 1986.

GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário popular cearense**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2001. v. 1, p. 91-100.

JAKOBSON, Roman. **Fonema e fonologia: ensaios**. Tradução de Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

RECTOR, Mônica. **A linguagem da juventude**. Petrópolis: Vozes, 1975.

SANTOS, Tatiane da Silveira Afonso. **Pesquisa de brinquedo/brincadeira**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [2021]. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/educacao/brinquedoteca/downloads/pesquisa-de-brinquedo-e-brincadeira.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.